



AUTORES

Anna Christina Bentes

 anna.bentes@gmail.com



Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente no Departamento de Linguística/IEL/UNICAMP

Edwiges Morato

 edwiges.morato@gmail.com



Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente no Departamento de Linguística/IEL/UNICAMP

Caio Mira

 cmira@unisinos.br



Doutor em Linguística. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos

Anderson Carnin

 acamin@unisinos.br



Doutor em Linguística Aplicada. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos

COMO CITAR

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges; MIRA, Caio; CARNIN, Anderson. 2021. O papel da linguagem na reflexão sobre temas públicos em tempos de pandemia da Covid-19. *Calidoscópico*, São Leopoldo, 19(1): 1-3. DOI: 10.4013/cld.2021.191.00

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 09/04/2021

Aprovação: 12/05/2021

DISTRIBUÍDO SOB



| Apresentação |

O papel da linguagem na reflexão sobre temas públicos em tempos de pandemia da Covid-19

Desde que a pandemia de Covid-19 foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde, em março de 2020, os países se organizaram para enfrentá-la. No Brasil, predominou como política de saúde pública a desorganização, a desinformação e a aceleração do contágio. Um ano depois do início da pandemia, temos um quarto Ministro da Saúde e um ritmo muito lento de vacinação. Em maio de 2021, chegamos à marca de 15.290.990 diagnósticos confirmados e ao número entristecedor de 423.299 de vidas ceifadas pela pandemia de Covid-19, conforme os dados oficiais publicados pelo Ministério da Saúde em 10/05/2021.

Quando decidimos fazer este volume, no primeiro semestre de 2020, não tínhamos a dimensão do caminho trágico que percorreríamos. Ao longo desse percurso, enfrentamos muitas lutas e lutos por causa do vírus. Mesmo assim, estamos aqui, assumindo nossa resiliência e nos solidarizando com todos os que foram afetados com as experiências de morte, de quase-morte, de descaso, de desalento, de profunda tristeza e de enorme desesperança.

Apesar desse contexto de grandes dificuldades em todos os âmbitos de nossa sociedade, tivemos e temos que continuar as nossas vidas e o nosso trabalho. Acreditamos que em tempos de destruição de valores e de instituições, é fundamental dar continuidade ao trabalho de (re) construção de uma consciência cívica, socialmente referenciada e cientificamente embasada. Um dos resultados

de nossa luta diária pela continuidade do respeito ao trabalho científico no âmbito dos estudos da linguagem no cenário pandêmico é esse volume com 10 (dez) artigos. Essa produção científica coletiva buscou atender à proposta expressa pela temática que intitula este volume da *Calidoscópico*: “O papel da linguagem na reflexão sobre temas públicos em tempos de pandemia da Covid-19”.

A interface entre o campo de estudos da linguagem e outros campos pode ser observada no artigo *A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte*, que inicia o volume, de Sávio Cavalcante (Unicamp). A partir de uma abordagem sociológica, o autor postula que a força do negacionismo científico e a normalização da morte na condução da pandemia da Covid-19 no Brasil foram possíveis na medida em que, nos últimos anos, foi atribuído ao presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, por interesses e agentes sociais diversos, o papel de liderança e autoridade responsável pela purificação da política, da economia e da nação. Para o autor, é por ter conseguido se firmar nesse polo da purificação e do restabelecimento de um regime de verdade supostamente perdido que sua estratégia de “fazer viver e deixar morrer” encontrou apoio ativo ou passivo em parte expressiva da sociedade brasileira.

Em seguida, temos o artigo *Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento da pandemia de Covid-19*, de Anna Christina Bentes (Unicamp/CNPq) e Edwiges Morato (Unicamp/CNPq), que analisa um con-

junto de falas públicas produzidas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro (JB) em diferentes contextos ao longo do ano de 2020 e também práticas linguísticas reflexivas e críticas de diversos agentes sociais em relação à categorização do uso de máscara de proteção facial como “coisa de viado” por parte de JB. As análises revelaram um modelamento discursivo do evento “pandemia de Covid-19” adequado aos interesses dos grupos econômicos e políticos no poder, produzindo uma circulação expandida de estereótipos relativos ao vírus e seus efeitos e também relativos à população e ao papel do governo na política sanitária. Já as práticas reflexivas de um conjunto de agentes nas redes sociais revelaram-se como um dos modos de enfrentamento do modelamento sociocognitivo e discursivo empreendido por JB.

Fechando esse bloco de textos que analisam falas e pronunciamentos públicos considerando seu funcionamento textual e discursivo, temos o texto *A incorporação da pandemia na retórica da Igreja Universal do Reino de Deus*, de Erik Miletta Martins (UFRN), que busca averiguar como a pandemia da Covid-19 impacta a retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. Tanto os elementos que constituem essa retórica (como a fé e a doação, por exemplo) como também elementos do evento “pandemia de Covid-19” são conceptualizados metaforicamente de forma a reforçar o espectro da racionalidade neoliberal mesmo no contexto da pandemia.

Abarcando reflexões sobre aspectos multimodais de temas e discursos públicos no contexto da pandemia, temos o artigo *Pandemia e desinformação: aspectos da linguagem e da multimodalidade em campanha do Tribunal Superior Eleitoral*, de Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG), que analisa três vídeos que compõem a campanha publicitária “Se for fake news, não transmita”, cujo anunciante foi o Tribunal Superior Eleitoral, em 2020. Os vídeos têm uma “estética YouTube” - uma pessoa fala para os/as espectadores/as com evidente edição e cortes de vídeo, configurando um produto dinâmico e rápido. O vídeo do TSE cumpre um papel aproximado ao papel dos vídeos de divulgação científica, já que explica o mecanismo de produção e transmissão das fake news, mostra como elas se propagam em nossa sociedade, explicita as razões pelas quais são prejudiciais à democracia e tenta ensinar o público a lidar com elas, o que parece configurá-lo como parte do conjunto de práticas de letramento digital e informacional.

A análise de 60 editoriais do jornal *O Diário do Nor-*

deste que abordavam os efeitos da pandemia do coronavírus, desenvolvida por André Silva Oliveira (UFC), enfoca a modalidade facultativa como recurso e estratégia argumentativa. Um dos resultados do artigo *Editoriais sobre a pandemia do coronavírus: a modalidade facultativa* revela que, no que tange à polaridade do enunciado, a modalidade facultativa foi instaurada nos editoriais por meio de enunciados positivos [+positiva] de forma a expor mais as capacidades e as habilidades dos sujeitos ou dos eventos, evitando, assim, causar algum “desconforto” no público-leitor em relação aos assuntos tratados.

O artigo *Notas sobre gestos de interpretação: o sem-sentido e o não-sentido em face do distanciamento social*, de Greiciely Cristina da Costa (Labeurb/Unicamp) busca compreender gestos de interpretação produzidos no contexto de pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), a partir da leitura discursiva de uma reportagem sobre um dos momentos de reabertura do comércio de rua em Campinas. Analisando os processos de significação desencadeados tanto na reportagem quanto nos comentários da página do telejornal no Facebook em torno de uma cena urbana que registra a aglomeração da população, a autora observou que o distanciamento, como política sanitária, é invisibilizado justamente pela saturação dos sentidos de aglomeração.

As fake news produzidas no período da pandemia causada pela Covid-19 no Brasil são objeto de análise no artigo *Fake news em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital*, de Elaine Andreatta (Unicamp/UEA), que enfoca as estratégias linguísticas e imagéticas de apelo e convencimento, assim como o tratamento digital que configuram as fake news. As análises evidenciam que as formas de armazenamento das imagens estáticas e a disponibilidade dessas nas multiplataformas digitais facilitam a recuperação

de fotografias para a produção de fake news, que, por sua vez, são reutilizadas de forma descontextualizada, sem a consideração do contexto original. Isso faz com que as imagens adquiram o status de imagem-experimento, pois recebem um tratamento digital e inscrições verbais que conduzem a novos contextos e a novas interpretações. A autora conclui que há a necessidade de promover novos (multi)letramentos, no espaço escolar ou fora dele, para que se compreenda melhor a dinâmica de produção e de recepção dos textos fraudulentos.

Esse número termina com um conjunto de textos que

“Quando decidimos fazer este volume, no primeiro semestre de 2020, não tínhamos a dimensão do caminho trágico que percorreríamos. Ao longo desse percurso, enfrentamos muitas lutas e lutos por causa do vírus. Mesmo assim, estamos aqui, assumindo nossa resiliência e nos solidarizando com todos os que foram afetados com as experiências de morte, de quase-morte, de descaso, de desalento, de profunda tristeza e de enorme desesperança”

promove uma discussão sobre a importância da metáfora na construção dos sentidos sociais no e para o contexto de pandemia de Covid-19. Sandra Cavalcante (PUC Minas) e Ronaldo Corrêa Gomes Júnior (UFMG), em *Metáforas visuais e multimodais na conceptualização da Covid-19*, contribuem para uma discussão social sobre a representação metafórica da dinâmica de contaminação, contágio e letalidade do vírus SARS-CoV-2, observando metáforas visuais e multimodais que referenciam o vírus, a doença e o fenômeno da pandemia. A experiência social da pandemia é construída pela atualização recursiva de metáforas conceituais como DOENÇA É VIAGEM e DOENÇA É GUERRA e também pela personificação do coronavírus, pela conceptualização do contágio como uma reação em cadeia causada pela ação humana, pela projeção de líderes do governo como personagens ficcionais conhecidos pela infantilidade e pela metaforização do povo brasileiro como cego e festivo nos primeiros meses da pandemia.

Heronides Moura (UFSC), em *Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus* busca mostrar que alguns discursos políticos radicais, sejam discursos de direita ou de esquerda, manipulam a linguagem sobre o coronavírus, com o objetivo de justificar afirmações enviesadas e sem evidências sobre a pandemia da Covid-19. Este tipo de manipulação está em conformidade com a percepção de que a manipulação política da linguagem se baseia numa fusão de verdades parciais e de mentiras completas. Os dados foram coletados no site brasileiro de extrema-direita criticanacional.com.br e no livro *Vírus soberano?*, escrito pela filósofa pós-moderna e de esquerda Donatella di Cesare. A análise dos dados mostra que a manipulação mais importante encontrada nesses discursos políticos é a ocultação de informação relevante sobre a localização do vírus. Esta ocultação favorece as informações infundadas que são propagadas pelas diferentes posições políticas. Já as sentenças de um corpus jornalístico analisado pelo autor são muito mais precisas em relação à localização do vírus.

Por fim, em *Coronavírus é como: relações de sentido a partir de metáforas por símile*, Jean Michel Pimenta Rocha (UNESP) e Beatriz Curti-Contessoto (USP) fazem análises de metáforas por símile (*coronavírus é como, covid-19 é como, coronavírus é que nem e covid-19 é que nem*) no contexto da pandemia de

Covid-19, as quais abarcam domínios conceituais, aspectos socioculturais, bem como funções pragmáticas e discursivas que emergem das situações examinadas. À luz dos achados, os autores afirmam que, mesmo que os enunciadores lancem mão de domínios metafóricos similares, eles o fazem a partir de distintas posições e intenções discursivo-argumentativas, o que resulta em avaliações positivas e/ou negativas acerca dos efeitos da pandemia.

Um dos principais objetivos deste número foi o de contribuir para o entendimento de como os temas públicos, especialmente aqueles relacionados ao combate à crise sanitária no Brasil, foram textualizados e/ou discursivizados por meio das mais diversas práticas de linguagem, sobretudo por meio de metáforas, de recursos multimodais, de disseminação de notícias falsas ou fraudulentas em diferentes contextos, de lutas por categorizações que mantenham ou modifiquem as perspectivas políticas sobre o evento “pandemia de covid-19”.

Nesse sentido, considerado o conjunto de textos aqui compilados, resta evidente o papel da Linguística Aplicada, de outras áreas dos estudos da linguagem e das ciências humanas em geral na busca pela produção de inteligibilidades sobre as práticas linguísticas, textuais e discursivas na construção da realidade social e de seus significados. Resta evidente, ainda, que o campo aplicado pode contribuir com o debate sobre a pandemia de Covid-19, explorando nuances, modalidades e discursos que se influenciam na vida humana, especialmente pelo desvelamento de implícitos que subjazem as ações responsáveis por colocar em xeque o exercício da cidadania e o direito à saúde, ao cuidado humano e à vida.

Queremos reiterar que, com este número temático, manifestamos nossa solidariedade com todos/as aqueles/as que sofrem ou sofreram os impactos da pandemia de Covid-19 nesses últimos 14 meses. Não há outra manifestação possível neste momento em que tantas vidas foram ceifadas. Seguimos aqui, procurando ressignificar essa dura experiência, em busca de novas formas de enfrentamento dos desafios que nos foram/são/serão impostos.

Campinas/São Leopoldo, 10 de maio de 2021.